

Croniportagem: vereda entre a crônica e a reportagem no texto jornalístico¹

Míriam Santini de ABREU²

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, Santa Catarina

Resumo

O presente artigo discute o conceito de croniportagem, termo cunhado para definir o formato jornalístico que mescla características da crônica e da reportagem. O estudo, inserido na temática da relação entre jornalismo e literatura, é focado na experiência da revista Pobres & Nojentas (Florianópolis, SC), que tem como um de seus pressupostos teóricos a concepção de texto jornalístico que contextualize o fato sem perder de vista a espessura da escrita, em um contexto no qual se discutem os desafios colocados ao jornalismo pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Palavras-chave:

Gêneros Jornalísticos; Reportagem; Crônica; Croniportagem; revista Pobres & Nojentas.

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) levam o jornalismo a uma incessante reflexão que tensiona as teorias e práticas profissionais na busca de fazeres que aproveitem cada vez mais as potencialidades do mundo digital. A discussão sobre os gêneros e formatos jornalísticos também alimenta e se alimenta desse tensionamento, no esforço de acompanhar a produção jornalística e, ao sistematizá-la, contribuir para o ensino e prática do jornalismo. Nesse sentido, o momento é propício para experiências a partir das formas tradicionais de expressão jornalística.

Esse artigo reflete sobre a experiência do projeto da revista Pobres & Nojentas, que, antes de se tornar concreto, em 2006, debruçou-se sobre o desafio editorial de bem aproveitar as 24 páginas de miolo da publicação para nelas narrar as histórias de mulheres e homens cujas ações traçavam um caminho de transformação social que não era retratado na grande mídia³.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente na Universidade Regional de Blumenau (FURB-SC), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, email: misabreu@yahoo.com.br

³ A revista, editada em Florianópolis (SC), iniciou com periodicidade trimestral, e o primeiro número circulou em maio de 2006, estando no número 30 em 2015. O formato é 23,5 x 21 cm, com 28 páginas (incluindo a capa e contracapa).

Para isso, a revista foi pensada a partir de uma proposta teórica ancorada em três pilares epistemológicos. O primeiro deles é a teoria marxista do jornalismo, cujo idealizador foi Adelmo Genro Filho, jornalista gaúcho que, em 1987, publicou o livro “O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo”, resultado de dissertação de mestrado em Ciências Sociais concluído em 1986 na UFSC. Genro Filho acreditava que, mesmo no sistema capitalista, o jornalismo poderia ter uma função transformadora, desde que se aproveitasse as brechas que ele apresenta. Para isso, a notícia deveria ser construída a partir de uma nova fórmula, não mais na lógica do lead, do mais para o menos importante, e sim partir da singularidade do fato para, passando pelo particular, expressar no texto o universal, expressão de um pensamento complexo aqui apresentado de forma muito sintética.

O segundo pilar epistemológico no qual a revista se ancora parte da concepção filosófica de Enrique Dussel, criador da filosofia de libertação, que inspirou a proposta do jornalismo libertador, conceito explicitado no livro “Jornalismo nas Margens”, de Elaine Tavares (2004), editora da revista Pobres & Nojentas, pelo qual o foco do jornalismo deve estar voltado para a comunidade das vítimas do sistema, tal qual propõe Dussel. Ou seja, a narrativa deve ser cristalizada no singular, evocando o universal, mas priorizando dar visibilidade à vida do oprimido, saindo assim de uma forma de praticar jornalismo que se alimenta apenas ou prioritariamente de fontes oficiais, se explicitando apenas como porta-voz delas.

O terceiro elemento, que será desenvolvido nesse artigo, é a ideia de croniportagem, termo que cunhamos para definir essa vereda entre a crônica e a reportagem. Ou seja, o texto jornalístico se ancora em temas cotidianos, tal qual a crônica, mas com a profundidade da reportagem e da informação contextualizada. Essa necessidade se dá pela própria evolução da prática do jornalismo, cada dia mais prisioneiro do tempo. Como em quase todos os veículos, o que aparece em primeiro plano é sempre o tempo, seja o do leitor, que supostamente não teria tempo para ler longos textos, seja o do repórter, que precisa cobrir várias pautas num mesmo dia.

A equipe que faz a revista decidiu assim colocar em prática alguns exercícios de escritura em que o texto pudesse ser curto, mas sem perder a profundidade. Daí a ideia da croniportagem. Isso, porém, não significa abrir mão da reportagem, muito pelo contrário. A proposta é a de abrir uma vereda em um tema já bastante estudado, a da relação entre jornalismo e literatura, abordada em obras clássicas como as de Alceu Amoroso Lima e

Antonio Olinto. Nesse sentido, a croniportagem mistura elementos da crônica, no âmbito da literatura, posto que focaliza o cotidiano, e também da reportagem, no âmbito do jornalismo, visando a profundidade e a análise dos fatos.

Um dos precursores da crônica no Brasil foi o jornalista e escritor Paulo Barreto, que, sob o pseudônimo “João do Rio”, escreveu sobre as mudanças na vida urbana do Rio de Janeiro no início do século 20. BULHÕES (2007) e PAULINO (2014), em artigos nos quais analisam a obra do autor e sua importância histórica, chegam a utilizar a nomenclatura crônica-reportagem ao longo do texto. Nesse sentido, a nomenclatura que adotamos, croniportagem, não tem a pretensão de provocar um estudo etimológico ou histórico-conceitual, e sim apontar a relevância e atualidade desse formato híbrido, que, ao propor o “cruzamento de fronteiras”, pode ser mais um instrumento para se refletir sobre a teoria e prática do jornalismo em face das TICs.

Cabe ressaltar que, em fevereiro de 2008, a equipe da revista promoveu o “Primeiro Festival de Croniportagem de Abya Yala”, para publicação dos textos enviados na revista impressa e/ou no blog da P&N (<http://pobresenojentas.blogspot.com>), com arte específica feita pelo pedagogo Leopoldo Nogueira (Figura 1). A ideia foi estimular a produção desse formato de texto, que tem características que o habilitam, dentro de uma larga tradição no jornalismo, a encontrar um lugar singular na produção jornalística atual.



Figura 1: arte do festival feita por Leopoldo Nogueira

Análise de textos

São características da crônica, diz MOISÉS (2005, p. 119), a ambiguidade, a brevidade, a subjetividade, o diálogo - que possibilita uma conversa imaginária com o leitor -, o estilo, entre o oral e o literário, a temática, sempre ligada a questões do cotidiano, e a efemeridade. A croniportagem aproveita, em maior ou menor grau, todos esses elementos, aos quais acrescenta dois atributos da reportagem jornalística: a entrevista e a contextualização.

Com base na Classificação Marques de Melo (2013), a croniportagem é aqui pensada como um formato midiático que mescla atributos da reportagem, formato do gênero informativo, e da crônica, formato do gênero opinativo. O formato que propomos acompanha uma intenção proposta já no Editorial do nº 1 da revista (maio de 2006, p. 3):

Esta é mais do que uma simples revista. É um movimento, um caminhar. De gênero e de classe. De gênero porque entendemos que existe, sim, uma “mirada” feminina, que é ancestral e poderosa. Nem melhor nem pior, apenas desigual. E, nessa diferença, precisa se expressar desde seu lugar, a partir da “mulheridade”. De classe, porque o olhar das mulheres pobres, marginalizadas, oprimidas, é duplamente desigual e, mais do que qualquer outro segmento, raramente tem onde se dizer.

Esse “ter onde se dizer” buscou, desde o início, se marcar por um “como dizer” que pudesse expressar, no texto, a riqueza das histórias e das vidas narradas pelas pessoas ouvidas pelos jornalistas que fazem a revista, inserindo-as em um contexto histórico e socioespacial. A croniportagem “Em paz no terror”, da jornalista Elaine Tavares (nº 1, maio de 2006, p. 24-25), retrata um episódio específico em La Paz, na Bolívia – uma greve de policiais que foi rechaçada a bala pelo exército boliviano - que poderia ter a marca da efemeridade ao se perder na turbulenta história recente do país latino-americano, mas ganha espessura ao utilizar fontes e descrever, nos 10 parágrafos, ambientes e situações do conflito, expressos já na abertura:

Dona Vivi é uma mulher baixinha, pequena, de olhos apertadinhos que vive em Oruru, na Bolívia, com o marido Juan. Naquela noite, em La Paz, no fevereiro de 2003, ela chegou espavorida, agarrada ao braço do velho companheiro, o rosto moreno corado de ansiedade. Tinham ido tomar um café na rodoviária e viram a confusão. Pela rua acima vinha uma turba de gente quebrando e queimando tudo. Ela percebeu que algo estava errado porque conhecia bem a turbulência da vida boliviana. Mulher de mineiro e filha de cocaleiro, ela mesma já tinha passado por coisas assim sua vida inteira. Nunca fora fácil ser trabalhador na Bolívia. (p.23)

Esses elementos, marcados também pela subjetividade da escrita, igualmente aparecem na conclusão do texto:

Fiquei mais um dia em La Paz esperando que liberassem os ônibus. Pelas ruas, as pessoas falavam do levante com aquela fleuma que é peculiar a um povo calejado nos horrores. A vida voltava ao normal. Na rodoviária, os turistas retomavam o movimento. As velhas índias ocupavam seus lugares pelas escadarias a pedir esmolas e os policiais, de volta às ruas, eram saudados com alegria. Vivi e Juan foram, enfim, ao hospital. “Vou experimentar a feijoada, filha”, despediu-se, sorrindo, a mulher de sangue índio e esperança atávica. A Bolívia ficaria para trás, manchada de sangue e fogo... como se o tempo não houvesse passado desde o passado imemorial... (p.24)

Ao longo das 30 edições, a revista *Pobres & Nojentas* busca, nos textos, marcar a relação entre o fato e o lugar de onde ele brota, lugar esse que modifica e é modificado pelas pessoas que nele vivem, dimensão local que é intermediária entre o mundo e o indivíduo. No âmbito do conhecimento geográfico, o lugar é reconhecido como o espaço do exercício possível da existência plena. SANTOS (2001, p.112) diz que “(...) o mundo, como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio, e apenas o faz para os outros. É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado”.

O lugar então é o espaço do acontecer solidário⁴ e, independentemente de sua dimensão, é nele que pode se construir a resistência à globalização “perversa”, que SANTOS (2001, p.23) vê como o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. E, para o geógrafo, os sujeitos sociais mais capazes de mobilidade na cidade – de percorrê-la, de esquadrihá-la - são os “homens lentos”, os empobrecidos:

Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer – carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar (SANTOS, 1996, P.261).

Nessa ótica, os textos da revista procuram também expressar esse exercício possível da existência plena no lugar. A croniportagem “O tempo pelas mãos dos Custódio”, da

⁴ A noção de solidariedade não tem, no contexto tratado por Santos, conotação moral, e sim aquela encontrada em Durkheim, no sentido de “(...) realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum” (SANTOS, 1996, p.132).

jornalista Cláudia Schaun Reis (nº 12, março/abril de 2008, p. 10-11), fala sobre a gravação de um documentário selecionado em um programa federal de fomento a produções audiovisuais. A narrativa gira em torno da mobilização de uma comunidade quilombola para viabilizar a gravação, cujo tema é a escravidão negra em Antônio Carlos, município de Santa Catarina, e as memórias e costumes dos descendentes de escravos. Um dos trechos enfatiza essa relação:

Um dia antes, Seo Tícula e Dona Tita relembram mais uma vez a infância. Andam no estridente carro de boi, ele guiando os animais e ela em cima da carroceria. De longe, as câmeras avistam os dois, que cantam as músicas de quando eram moleques, em duas vozes, como o coral da igreja ensinou há tantos anos. As engrenagens de madeira do carro gritam agudo, cobrindo por vezes o som da cantoria, da mesma forma que fazia naquele tempo, avisando à família que os que tinham saído ao trabalho na roça estavam voltando pra casa.

- Estou emocionada, quanta saudade daquele tempo que não volta mais, em que eu puxava os bois, em que a nossa família era completa... (p.11)

Em 14 parágrafos, a autora intercala breves narrativas, descrições, entrevistas e diálogos, utilizando marcadores temporais para “amarrar” a dinâmica de produção do documentário às memórias dos descendentes de escravos (Ano de 2005, É fim de tarde, naquele domingo, Um dia antes, À tarde). Com esses recursos, a breve crônica da gravação do documentário também contextualiza a relação que aquela comunidade tinha e tem com os descendentes de alemães que colonizaram a região e as memórias guardadas dos antepassados.

Segundo TUZINO (2009, p. 2), em artigo sobre o surgimento, evolução e características da crônica, “a crônica tem a façanha de ser um texto que informa através do enfoque autoral, subjetivo, opinativo, parcial.” Esses elementos, portanto, estão presentes nas croniportagens, e a eles se somam as características já apontadas da reportagem jornalística. A croniportagem “Educação em pedra viva”, da jornalista Míriam Santini de Abreu (nº 14, julho/agosto de 2008, p. 10-11), ao discorrer sobre a instalação do Museu da Escola Catarinense em um antigo prédio da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), estrutura-se em dois blocos, “I - Acervo Poético” e “II - Acervo Patético”, para falar dos planos do museu para mostrar como os catarinenses estudavam e como poderão estudar e, em contrapartida, de uma escola em um bairro de Florianópolis em péssimas condições de conservação.

O texto abre com uma descrição do acervo do museu:

Peteca de penas coloridas; telefone de lata - a lembrar o murmúrio de meninos conversando; caixa de fósforos Argos – caixão miúdo onde eu enterrava formigas saúvas em requintadas cerimônias; raquete de meia; bolas de gude parecendo aprisionar galáxias no vidro fosco. Lousa negra; bancos escolares com encaixe para o tinteiro; livros; fotografias. (p.10)

Na descrição, a lista de objetos da instituição é entremeadada de comentário ou breve memória pessoal em relação ao uso de algum deles. O bloco “II - Acervo Patético”, por sua vez, após descrever a mencionada escola e os problemas enfrentados pelos alunos, nominada apenas como “Escola Triste”, encerra com uma frase de Antonieta de Barros sobre a importância da educação. Mesclam-se, portanto, elementos objetivos e subjetivos para tratar de um tema cotidiano, a educação, mas em uma perspectiva concreta, o museu que irá valorizar a história da escola e a escola onde a educação não é valorizada. Acompanha o texto a indicação do link para um vídeo no YouTube no qual é entrevistado o coordenador do museu.

A croniportagem se caracteriza por textos breves, em torno de 10 parágrafos, e estilo entre o oral e o literário, o que também implica, de forma dosada, a construção subjetiva do texto. Da literatura as croniportagens da revista também emprestam, por exemplo, recursos como excertos de poemas e haikais e divisão de blocos de textos com algarismos romanos, como se fossem capítulos. Do jornalismo vêm as entrevistas e a contextualização do fato. Essa mescla de elementos da crônica e da reportagem permite que os textos percam a efemeridade característica da crônica, como é possível perceber em parcela significativa do material produzido pela revista desde 2006, que mantém a atualidade das temáticas. Do mesmo modo, a croniportagem “casa” com os recursos possibilitados pelo jornalismo digital, ligando o texto à vídeos, fotografias e hiperlinks relacionados ao assunto tratado, esses no blog da revista ou mesmo como indicação no texto impresso.

Uma das mais frutíferas possibilidades para dar respaldo ao ensino dos princípios da croniportagem é a obra do jornalista gaúcho Marcos Faerman (1943 – 1999), que pode ser conhecida no livro “Com as mãos sujas de sangue”, com textos dele produzidos para o Jornal da Tarde e para o Versus. Não se trata de afirmar que Faerman rotulasse seu trabalho dessa forma, e sim de encontrar, no reconhecido trabalho desse jornalista, os elementos que aqui abordamos para ressaltar, no texto jornalístico, os atributos mais representativos da crônica e da reportagem.

Há de se ressaltar que Faerman produzia reportagens extensas, com trechos narrativos e descritivos, reprodução de diálogos, observações pessoais e inúmeras fontes, muitas vezes não nomeadas, mas que conferiam ao texto uma riqueza interpretativa da história que elas tinham com o lugar onde viviam. A reportagem “No Sertão”, sobre a seca no sertão da Bahia, cujo texto é dividido em 23 blocos numerados com algarismos romanos, é representativa dessa afirmação:

1

Pra onde o senhor vai, moço? Para Irecê? Irecê não existe mais, Irecê acabou.
Foi o que ouvi de um caboclo magro, chapéu de palha caído nos olhos, malinha na mão, numa tarde quente, nenhuma nuvem no céu.
Estávamos perto de Irecê, na estrada de asfalto que vem de Feira de Santana. A cada quilômetro, no sentido de Irecê, o calor aumentava, as nuvens diminuía, ralas, um céu azul.
Pertinho de Irecê, um grupo de homens conversava, e um deles dizia para a incredulidade dos outros, que naquela noite... ele tinha visto “relâmpagos no céu”!
– No horizonte?
– É, no horizonte; uns relâmpagos, pensei em chuva.
– Chuva... disse o outro.
– Jesus, tem hora que penso que nunca mais vai chover.
Um caboclo olhou para o outro e disse:
– Olha os pássaros.
Estavam voando para longe de Irecê.

Uma característica notável dos textos de Faerman que, mesmo longos, mostram aspectos da croniportagem e suas possibilidades, é a construção aparentemente aleatória, em que trechos descritivos e narrativos se mesclam numa imagem reconhecível de um quebra-cabeça, mas que podem, se remanejados, formar imagens igualmente reconhecíveis. A reportagem mencionada acima tem 23 blocos, mas bastava, para fazer o leitor incomodar-se com a peculiaridade daquele lugar naquele período histórico, deparar com essas duas frases que encerram o bloco 1: “– Olha os pássaros. Estavam voando para longe de Irecê.”

Claudio Willer, autor do prefácio do livro, desvenda essa característica:

Estamos, portanto, diante de uma obra que, ao apontar para a fragilidade da fronteira entre fato e ficção, entre o imaginário e o real, abre-se para vários níveis de leitura: como fruição do “prazer do texto”; como conjunto de documentos históricos e sociológicos; como alegoria e reflexão mais ampla sobre a condição humana; e como criação de códigos e metalinguagem. Uma das conseqüências desse jornalismo mais solto e “subjetivo”, desvinculado de critérios formais e restritivos de como seria um modo academicamente “certo” de fazer reportagem, sem pudor de ser “literário”, ou seja, honesto, belo e sensível como texto, é a existência de um estilo pessoal, diferenciado do restante da produção do gênero. O texto vivo e pulsante, explícita ou implicitamente formulado na primeira pessoa, expressa acima de tudo um compromisso com o real, e com a necessidade de representá-lo da forma

mais fiel, conferindo-lhe um sentido. Para citar Derrida, “*entre a carne demasiado viva do acontecimento literal e a pele fria do conceito corre o sentido*”.

Uma expressão jornalística como a de Faerman não deve ser analisada apenas no texto pensado de forma isolada, sendo necessário avaliar também a construção em sua relação com a realidade. Nas reportagens de Faerman afloram as concepções de Dussel e de Genro Filho, em narrativas que, calcadas em fatos singulares, evocando o universal, priorizam a visibilidade de pessoas e de grupos oprimidos, como fica explícito na coletânea mencionada. O texto, então, entrelaça essa compreensão do mundo a partir do olhar do oprimido, desse olhar em um lugar e um tempo devidamente narrados e o conjunto todo expresso com recursos literários e rigor jornalístico.

A reflexão de MARTÍNEZ (1997, p. 5) em conferência sobre o jornalismo, a narrativa e os desafios para o século 21, ilumina essa reflexão:

El lenguaje del periodismo futuro no es una simple cuestión de oficio o un desafío estético. Es, ante todo, una solución ética. Según esa ética, el periodista no es un agente pasivo que observa la realidad y la comunica; no es una mera polea de transmisión entre las fuentes y el lector sino, ante todo, una voz a través de la cual se puede pensar la realidad, reconocer las emociones y las tensiones secretas de la realidad, entender el por qué y el para qué y el cómo de las cosas con el deslumbramiento de quien las está viendo por primera vez.

Tais considerações enriquecem o entendimento do jornalismo como forma particular de apreensão e compreensão da realidade, buscando a ousadia interpretativa a partir do lugar e das pessoas que nele vivem, na complexidade de vidas que podem e devem ser narradas em suas experiências singulares.

Conclusão

A potencialidade da relação entre a crônica e a reportagem já se mostrou historicamente relevante, como revela a perenidade da obra de João do Rio, atualmente estudada com renovado interesse. Comparada ao período histórico no qual ele escreveu, a realidade hoje é ainda mais complexa, e assim faz-se necessário estudar e renovar gêneros e formatos já reconhecidos e criar novos à luz dos desafios colocados no tempo presente.

Com a experiência da revista Pobres & Nojentas entendemos que o leitor/ouvinte/telespectador precisa tomar consciência, a partir do lugar onde vive, dos conteúdos do mundo, e assim se posicionar. Os textos analisados nesse artigo representam a

quase totalidade da produção da revista no que se refere à experiência concreta dos jornalistas em um lugar, um movimento de “saída da redação”, permitindo assim que a concretude do fato fique impregnada também do registro sensorial e emocional. Parte deles se volta para a compreensão da cidade, do espaço público do encontro, da conversa, do conflito, do entendimento de si e do outro.

Os textos narram histórias de resistência pelo meio ambiente saudável, a paisagem aberta a todos, a cultura popular, a educação de qualidade, a informação a quem dela queira se apropriar. Dessa forma, a revista também sinaliza o caminho das lutas populares percorrido até aqui e a escrita possível e necessária para mantê-lo aberto e pleno das narrativas de suas personagens.

Do ponto de vista do ensino do jornalismo, em trabalho apresentado no III Fórum Sul-brasileiro de Professores de Jornalismo (7 e 8 de maio de 2015 em Blumenau, SC), enfatizamos a experiência como forma essencial de apreensão da realidade, processo que hoje cada vez mais se esvai, em um cenário no qual as mídias tradicionais e as novas mídias utilizam a própria internet como fonte de informação. Com isto, há um crescente afastamento físico do fato investigado e da busca do entendimento através do processo investigativo, das fontes primárias de informação e de sua profundidade e espessura social e histórica.

Esse face-a-face, conforme apontamos, é um elemento essencial da prática jornalística. O que “o outro” conta ao jornalista é justamente o singular, o irrepetível. E unir esses relatos singulares ao fluxo histórico, em lugares também carregados de história, é que pode enriquecer o aprendizado nas disciplinas ligadas à produção textual. Rompe-se assim, também, a “rigidez” acadêmica e se impulsiona o estudante a criar novos gêneros e formatos, como o aqui analisado, buscando enriquecer o debate sobre os gêneros jornalísticos e a prática profissional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Míriam Santini de. Educação em pedra viva. **Revista Pobres & Nojentas**. Florianópolis, SC, nº 14, p. 10-11. jul./ago.2008.

_____. **O movimento “sala-rua” no ensino do jornalismo**. Trabalho apresentado no III Fórum Sul-brasileiro de Professores de Jornalismo. Blumenau, SC, 7 e 8 de maio de 2015.

BULHÕES, Marcelo. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século xx. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, RS, nº 32. abr. 2007, quadrimestral.

- FAERMAN, Marcos. **Com as mãos sujas de sangue**. São Paulo: Global, 1979.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte, 1990.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Periodismo y Narración: desafíos para el siglo XXI**. Disponível em: <http://www.fnpi.org/fileadmin/documentos/imagenes/Maestros/Textos_de_los_maestros/periodismo.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- MELO, José Marques de. ASSIS, Francisco de. A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In.: SEIXAS, Lia e PINHEIRO, Najara Ferrari (orgs.). **Gêneros**: um diálogo entre comunicação e linguística. Florianópolis: Insular, 2013. p. 19 a 38.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa – II. São Paulo: Cultrix, 2005.
- OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.
- PAULINO, Fernanda Mansilia. **A pobre gente: as crônicas de João do Rio no jornal e no livro**. São José do Rio Preto, SP, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.
- REIS, Cláudia Schaun. O tempo pelas mãos dos Custódio. **Revista Pobres & Nojentas**. Florianópolis, SC, n° 12, p. 10-11. mar./abr. 2008.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TAVARES, Elaine. **Jornalismo nas margens**: uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas. Florianópolis: Cia. dos Loucos, 2004.
- _____. Em paz no terror. **Revista Pobres & Nojentas**. Florianópolis, SC, n° 1, p. 24-25. mai. de 2006.
- TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. **BOCC. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. 2009. Disponível em: <<http://bcc.unisinos.br/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2015.